

TECENDO VIVÊNCIAS: A CULTURA DO BRINCAR COMO PONTE ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Anaciara de Souza Ayres¹
Ana Paula Silva da Conceição²

RESUMO

As brincadeiras, cantigas, jogos e o faz de conta, são ferramentas essenciais para a formação integral da criança, bem como, promovem sentido e sabor às experiências vivenciadas. Este artigo está baseado no relato de experiência em um projeto de extensão, realizado no ano de 2024, em uma Escola Municipal de Salvador-Ba, o qual investigou como as vivências do brincar na família contribuem para a socialização e transmissão da cultura, fortalecendo os laços entre gerações e enriquecendo as práticas pedagógicas. A escola por sua vez, deve ser um espaço que valorize a singularidade de cada criança, reconhecendo-a como protagonista na construção do seu conhecimento e identidade. Esta pesquisa é qualitativa, com abordagem (auto)biográfica e narrativa, trazendo relatos das famílias e observações das interações vivenciadas no ambiente escolar, evidenciando a importância da escuta, da troca e da construção coletiva para uma infância, que gere autonomia, criatividade, alegria e autenticidade. Dentre os referenciais teórico-metodológicos que fundamentam a brincadeira, autonomia, educação infantil, estão Conceição e Macedo (2018); Formosinho (2018); Freire (2002); Kishimoto (1994); Larrosa (2002); Vygotsky (2007). Os resultados deste artigo apontaram para diferentes contribuições e reflexões sobre o desenvolvimento da identidade e protagonismo infantil, fortalecimento de culturas e o vínculo família escola, o resgate de brincadeiras tradicionais e memórias da criança existente em cada um envolvido no projeto de extensão.

Palavras-chave: Brincar e Cultura, Infância, Família, Escola.

Introdução

Este artigo relata a experiência de um projeto de extensão vivenciado entre famílias, professoras e crianças da Educação Infantil, especificamente em uma turma de pré-escola, com alunos entre quatro e cinco anos de uma Escola Municipal de Salvador-BA. Ele busca explorar como as brincadeiras, cantigas, jogos e o faz de conta se tornam ferramentas essenciais para a formação integral da criança, dando sentido e sabor às experiências vivenciadas.

¹ Mestranda em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) do Departamento de Educação I (DEDC I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora da Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED). Integrante do Grupo de Pesquisa Formacce Infância, Linguagens e EJA (FORINLEJA). E-mail: anaciarasouza@educacaosalvador.net;

² Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA). Professora permanente do Programa de Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) do Departamento de Educação I (DEDC I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa Formacce Infância, Linguagens e EJA (FORINLEJA). E-mail: apsconceicao@uneb.br.



Essa compreensão dialoga com o que orienta o Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil de Salvador (2015), ao afirmar que as experiências de instituições que reconhecem a importância do papel da família compreendem que “a participação familiar contribui, fundamentalmente, para a construção da identidade e do sentimento de pertença da criança, sendo, assim, um parceiro imprescindível da instituição de Educação Infantil” (Salvador, 2015, p. 41).

Ao refletir sobre o papel do brincar, o Referencial salienta que é preciso dialogar com as famílias sobre o lugar que a brincadeira ocupa no cotidiano das instituições, pois, “por mais que as Diretrizes Curriculares Nacionais enfatizam a importância do brincar como forma privilegiada de se inserir no mundo e nas relações, muitas famílias ainda acreditam que alfabetizar é o principal objetivo na Educação Infantil” (Salvador, 2015, p. 42).

Assim, ao integrar os saberes familiares e comunitários à cultura da escola, o projeto de extensão promoveu uma prática educativa sensível e dialógica, reafirmando o direito da



Portanto, para o desenvolvimento do projeto, foram realizadas rodas de conversa nas quais representantes das famílias compartilharam brincadeiras, cantigas e memórias de suas infâncias, revelando às crianças que o brincar é um gesto que atravessa o tempo e conecta gerações. Como lembra Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos toca e nos transforma, nesse movimento de rememorar e narrar suas vivências, às famílias também revisitaram a criança que habita em cada adulto, expressa nos gestos, nas lembranças e na forma de olhar o mundo.

Compreendemos, assim, que o brincar constitui uma linguagem fundante da infância, forma de expressão e de produção de sentidos, como defendem Kishimoto (1994) e Vygotsky (2007). Por meio dele, a criança experimenta o mundo, cria hipóteses, partilha culturas e se constitui como sujeito histórico. A professora, por sua vez, é chamada a viver esse estado de presença brincante, promovendo experiências que despertem curiosidade, imaginação e autoria, conforme propõe Formosinho (2018) ao tratar da pedagogia da relação.

Nessa perspectiva, o relato ancora-se em concepções que valorizam a infância em sua pluralidade e a prática pedagógica como experiência dialógica, sensível e culturalmente situada. Configura-se, assim, como um relato de experiência que se entrelaça à formação docente e reafirma o compromisso ético e estético de valorizar as infâncias em suas múltiplas expressões.



Metodologia

O presente relato de experiência inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, sustentando-se em uma abordagem (auto)biográfica e narrativa, por compreender que as experiências humanas são constituídas por histórias, memórias e significados que emergem no cotidiano e se tornam matéria formativa. Como defendem Conceição e Macedo (2018), as narrativas permitem compreender a docência e a infância como processos vivos, tecendo-se no encontro entre o vivido e o narrado, no entrelaçamento entre o ser e o fazer educativo.

O projeto foi desenvolvido no ano de 2024, em uma Escola Municipal de Salvador-BA, com uma turma de crianças entre quatro e cinco anos da Educação Infantil. Participaram do estudo as professoras responsáveis pela turma, representantes das famílias e as próprias crianças, reconhecidas aqui como sujeitos ativos e autores de suas experiências.

As ações ocorreram ao longo de quatro meses e tiveram como principal dispositivo as rodas de conversa, realizadas semanalmente, nas quais um familiar era convidado a partilhar memórias, cantigas e brincadeiras de sua infância. Esses encontros constituíram espaços de escuta sensível e diálogo intergeracional, possibilitando que crianças e adultos reconhecessem o brincar como linguagem que atravessa tempos, corpos e culturas.

Durante o percurso, foram registradas observações do cotidiano, relatos orais e fotografias das interações, compondo um conjunto de registros que deram suporte à análise narrativa. O olhar investigativo não se restringiu à coleta de dados, mas assumiu, conforme Amado (2014), um movimento de compreensão ética e reflexiva da experiência, em que o pesquisador se insere no campo como parte do processo formativo e não como observador externo.

Inspirado na perspectiva da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial (Macedo, 2004), o estudo buscou compreender o fenômeno a partir da escuta do outro e da própria implicação das pesquisadoras no campo. A escrita, portanto, emerge como um gesto de interpretação e de partilha, no qual se entrelaçam narrativas pessoais, memórias coletivas e sentidos produzidos nas interações.

O processo metodológico esteve orientado por princípios éticos de respeito, consentimento e confidencialidade. As famílias participantes foram informadas sobre os objetivos do projeto, autorizando a utilização de registros fotográficos e relatos para fins formativos e de pesquisa, conforme as orientações éticas aplicáveis à Educação Infantil.



Desse modo, mais do que um percurso técnico, a metodologia se configurou como um movimento formativo e humanizador, em que as práticas de escuta, diálogo e observação se tornaram gestos pedagógicos e investigativos. Como ensina Freire (2002), “ensinar exige disponibilidade para o encontro com o outro”; e foi nesse encontro entre escola, família e infância, que o presente relato se constituiu enquanto experiência de pesquisa e de vida.

Resultados e Discussões

As rodas de conversa revelaram-se como espaços férteis de trocas, onde o tempo das famílias e o tempo das crianças se encontram no território da escola, tecendo narrativas e memórias que deram nova textura ao cotidiano pedagógico. A cada encontro, emergiram risos, canções, gestos e histórias que pareciam adormecidas, mas que, ao serem narradas, retomaram força e significado. Como afirma Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e nos transforma; nesse sentido, o projeto se configurou como um acontecimento formativo, tanto para as crianças quanto para as famílias e professoras envolvidas.

As crianças, ao ouvirem as memórias dos adultos, manifestaram curiosidade, desejo de partilhar e encantamento. Muitas reconheciam em casa as mesmas cantigas e brincadeiras, percebendo que o brincar atravessa gerações e se inscreve em diferentes tempos e espaços. Essa constatação confirma o que defende Vygotsky (2007), ao compreender o brincar como um espaço simbólico que impulsiona o desenvolvimento, mediando a cultura e o pensamento. Ao brincar, a criança internaliza modos de ser e de agir no mundo, transformando o imaginário em aprendizagem e criação.

Durante os encontros, o ambiente da sala de aula foi ressignificado: o chão se tornou palco, as histórias das famílias transformaram-se em enredos de novas brincadeiras, e as relações entre adultos e crianças ganharam contornos de afeto e pertencimento. Esses momentos de partilha revelaram o potencial do brincar como linguagem de vínculo e mediação cultural, reafirmando o que defende Kishimoto (1994), que o jogo e a brincadeira são campos de experimentação, expressão e aprendizagem que ultrapassam a função lúdica, compondo o eixo estruturante da Educação Infantil.

Por tanto, no decorrer do projeto, observou-se também o fortalecimento das relações entre escola e família. As famílias começaram a frequentar o espaço escolar não apenas como visitantes, mas como participantes ativos da construção do cotidiano educativo. Esse



movimento confirma o que defendem Conceição e Macedo (2018) ao afirmarem que o currículo da Educação Infantil é tecido nas relações e biografias que o constituem, sendo a escuta e o diálogo pilares de uma prática pedagógica brincante, crítica e multirreferencial.

Para as professoras, as rodas de conversa assumiram caráter formativo, pois escutar as famílias e observar as reações das crianças despertou novas leituras sobre o brincar e sobre o papel docente. Como propõe Formosinho (2018), a pedagogia da relação exige que a professora se perceba como sujeito em formação permanente, capaz de aprender com o outro e com o cotidiano que a cerca. Assim, o projeto revelou-se também um espaço de (auto)formação docente, no qual o ato de ouvir tornou-se fonte de conhecimento e reflexão sobre a prática.

Além disso, o diálogo intergeracional possibilitou o resgate de brincadeiras tradicionais, como roda, pular elástico, amarelinha e cantigas populares, que se mesclaram às invenções das crianças, gerando novas versões, ritmos e sentidos. Essa mescla entre tradição e criação evidencia o caráter dinâmico da cultura, como lembra Freire (2002), o ser humano é histórico, produz cultura e, ao transformá-la, transforma também a si mesmo. Assim, o brincar, ao ser compartilhado entre gerações, reafirma a continuidade da vida e da memória.

Nesse processo, as crianças se mostraram protagonistas de sua aprendizagem, apropriando-se das experiências vividas e transformando-as em novas narrativas. Coadunando, Carvalho e Fochi (2017), apontam que a infância é território de autoria e de potência, e a escola deve se constituir como espaço de escuta e experimentação, em que o cotidiano é atravessado por práticas de invenção e de sentido.

Dessa forma, os resultados do projeto apontam para a compreensão de que a cultura do brincar atua como ponte entre família e escola, fortalecendo vínculos, favorecendo o desenvolvimento integral e revelando a dimensão estética, ética e política da infância. As experiências compartilhadas nas rodas de conversa ampliaram a consciência das professoras sobre o valor formativo do brincar e reafirmaram a importância de cultivar práticas pedagógicas pautadas na escuta, no diálogo e no respeito às múltiplas infâncias.

Considerações Finais

Ao concluir este relato, reafirma-se que o projeto de extensão possibilitou construir um território formativo em que a escuta, o diálogo e a partilha se entrelaçaram em



experiências de vida, memória e aprendizagem. O encontro entre gerações revelou muitas possibilidades para ressignificar o cotidiano da Educação Infantil, fazendo emergir a ludicidade como linguagem e o brincar como caminho de humanização.

As rodas de conversa mostraram que as vivências do brincar das famílias não apenas resgatam tradições e memórias, mas também alimentam a invenção e a autoria infantil, fortalecendo a cultura local e os laços de pertencimento entre escola e comunidade. Pois, ao revisitar as brincadeiras e cantigas de suas infâncias, as famílias reconheceram-se como portadoras de cultura e coautoras do processo educativo, enquanto as crianças encontraram nessas narrativas novas possibilidades de imaginar, criar e aprender.

Já do ponto de vista da formação docente, a experiência corroborou para novas compreensões do fazer pedagógico. As professoras participantes puderam refletir sobre sua própria trajetória e sobre o modo como o brincar, a escuta e o diálogo se constituem como práticas pedagógicas e éticas. Segundo Formosinho (2018), formar-se é viver a pedagogia da relação, e foi nessa relação, permeada por afetos e descobertas, que se teceu a aprendizagem de todos os envolvidos.

Neste sentido, a experiência reafirma, também, o pensamento de Freire (2002), quando nos lembra que educar é um ato de amor, de coragem e de escuta. Foi nesse gesto amoroso que a escola se fez espaço de pertencimento, tornando visível a criança como sujeito de direitos, de cultura e de história. Ao abrir-se à escuta das famílias e das infâncias, a prática pedagógica ampliou seus sentidos e se consolidou como experiência de formação continuada, em que o cotidiano se fez pesquisa, e o brincar, caminho de emancipação.

Conclui-se, portanto, que as memórias e vivências do brincar das famílias e professoras reverberam na constituição de uma cultura educativa mais humana, sensível e colaborativa, que reconhece o valor da infância como tempo de ser, de imaginar e de criar. O projeto deixou como legado o compromisso ético e estético de cultivar territórios de escuta e de afeto, nos quais o brincar continue sendo ponte entre passado, presente e futuro, entre o que fomos, o que somos e o que ainda podemos nos tornar.

Junto a isso, a experiência aqui narrada ultrapassou o campo da prática e reverberou no campo da pesquisa, inspirando o nascimento do projeto de investigação que ora desenvolvo no mestrado, intitulado: Tecendo Infâncias: as memórias do brincar de famílias e professoras nas práticas educativas da Educação Infantil. Esse desdobramento reforça a potência formativa do projeto de extensão, que se fez semente de uma investigação mais



ampla sobre as relações entre memória, cultura e brincar, reafirmando o compromisso ético, estético e político de compreender as infâncias como território de saberes, experiências e criação.

Referências

AMADO, João (Coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio (Org.). Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, 2017. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/INEP-1_2d4d0901df1dfb0114c9a3a269c3cde3. Acesso em: 29 de Junho de 2025

CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva da; MACEDO, Roberto Sidnei. Prática, biografia e construções teóricas em educação infantil: um currículo brincante. **Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 51, p. 121-132, abr. 2018.

FORMOSINHO, J. O. A formação como pedagogia da relação. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 27, n. 51, p. 19-28, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. Pioneira, São Paulo, 1994.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 19, p. 20-28, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SALVADOR. **Secretaria Municipal da Educação**. Referencial Curricular Municipal para Educação Infantil em Salvador. Secretaria. – Salvador: Secretária Municipal da Educação, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. Michel Cole (et al.). 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

